

MEMÓRIA E LEMBRANÇA: BOATES ENIGMA E MARISA'S, CASO MOTEL E O PARQUE DOS LARANJAIS EM CAMPO GRANDE (MS)

JOÃO ALBERTO MENDONÇA SILVA *
DOLORES PEREIRA RIBEIRO COUTINHO **
AMANDA RAMIRES GUEDES ***

Resumo: Objetivou-se verificar a existência da memória ou da lembrança sobre o Caso Motel nos moradores do parcelamento Parque dos Laranjais em Campo Grande (MS) e a relação ontológica entre as Boates Enigma e Mariza's. O método aplicado foi o dedutivo, utilizando-se de bibliografias pertinentes ao assunto, entrevistas semi-estruturadas e análise de dados, não descartando eventuais constatações baseadas no modelo empírico de observação.

Palavras-chave: Desenvolvimento Local; Memória; Prostituição Feminina.

MEMORY AND REMEMBRANCE: ENIGMA AND MARIZA'S NIGHTCLUB, THE MOTEL CASE AND THE PARQUE DOS LARANJAIS IN CAMPO GRANDE (MS)

Abstract: *The objective was to verify the existence of memory or of remembrance on the Motel Case and the Enigma and Mariza's Nightclubs in the residents of the "Parque dos Laranjais", in Campo Grande-Mato Grosso do Sul state. The method for analysis was deductive, using bibliographies, semi-structured interview and analysis, not discarding any findings based on empirical model of observation.*

Key-words: *Local Development; Memory; Female Prostitution.*

Considerações iniciais

Ao recordar um fato, o ser humano realiza o ato de rememorar dados, situações, locais, pessoas e demais elementos para, assim, alcançar um estado de lembrança ou memória

* Mestrando em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Bolsista Capes. E-mail: <giambattista1025@gmail.com>.

** Doutora em Ciências Sociais – Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e docente do Programa de Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: <doloresribeiro@uol.com.br>.

*** Mestranda em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: <amandaramiresguedes@gmail.com>.

fiáveis. Partindo desta premissa, buscou-se neste artigo identificar, na memória da população residente no Parque dos Laranjais um remoto bairro da cidade de Campo Grande (MS), o que a casa de shows Enigma transmite a seus moradores. A escolha de tal localidade e estabelecimento decorreu do fato da casa noturna, fixada atualmente no bairro, ser um tipo de comércio semelhante ao da Mariza's American Bar, que esteve atrelado a um crime no ano de 2005, completando, neste ano, dez anos da abertura de um caso ainda sem solução. O tempo passou, e a recordação do crime extinguiu-se na mente da sociedade, inclusive da população circundante ao estabelecimento análogo, a Enigma.

Utilizando-se de um dispositivo de nulidade local, a Enigma Casa de Shows conseguiu se fixar no parcelamento, que apresenta problemas de urbanização, os quais, na visão dos moradores do bairro, são mais importantes do que a presença ou não da casa. Ao mesmo tempo, a localidade passou a ser conhecida e referenciada, devido à presença do comércio sexual praticado na casa noturna.

A Casa de Shows Enigma, em sua atividade diária, não contribui para a lembrança sobre um crime que, em 2005, foi massivamente veiculado nos meios de comunicação e esteve atrelado à Casa de Shows Mariza's. Um duplo homicídio, em que um jovem rapaz, universitário de classe média, fora assassinado. À época, a mídia deu pouca importância à figura da outra vítima, uma profissional do sexo que foi morta com o rapaz. Assim, pergunta-se qual o significado dessa nulidade da figura da mulher profissional do sexo frente a esse acontecido? Qual o significado de uma casa de shows, a Enigma, conhecida na cidade, ter se instalado em uma região tão afastada? A população circundante, o que tem a dizer sobre a sua relação com um estabelecimento que faz o mesmo tipo de atividade comercial que a Mariza's? E há uma relação prostituição/violência que traria malefícios ao bairro, caso uma situação análoga ocorresse lá? Essas são as questões norteadoras que permearam a investigação e que são aqui apresentadas.

Crime do Caso Motel e a boate Marisa's: permanência do modelo Patriarcal

O caso ocorreu em 20 de Junho de 2005. As vítimas foram, Murilo Alcalde e Eliane Ortiz. Um casal que se encontrou na casa noturna Marisa's American Bar, local de prostituição. Saindo de lá, o casal foi levar um amigo de Murilo para casa. Deste ponto em diante, nada mais se pode afirmar com certidão, pois não se sabe o que ocorreu com o casal no trajeto percorrido após deixarem o amigo de Murilo em casa. No dia seguinte, foram encontrados os corpos do rapaz e da moça, no interior de um quarto de motel, também localizado na cidade de Campo Grande (MS).

Após o crime, a notícia da morte dos jovens foi manchete em todos os jornais regionais. No transcurso das investigações, três policiais militares foram acusados pelo assassinato, mas não foram presos e o mandante do crime nunca chegou a ser apontado. O duplo homicídio se tornou, para a sociedade, um mistério sem solução. Passados quase dez anos, o caso permanece sob uma nuvem de obscuridade. O destaque, por conta da crueldade humana, foi o consenso de que o rapaz estava na hora errada e no lugar errado.

Esse caso chama a atenção, por se tratar de algo intrigante, devido ao suposto envolvimento de pessoas influentes na sociedade local, e por conter inúmeras acusações de fraudes nas investigações, como por exemplo, o desaparecimento de provas importantes para o esclarecimento do crime. O duplo homicídio causa, ainda hoje, indignação em parcela da população.

A compreensão da sociedade, suas transformações e formas de apresentação realizam-se, majoritariamente, em abordagens androcêntricas. Ou seja, pela ótica do masculino dominante, que ignora as formas como mulheres vivem sua condição, pois esse olhar se inscreve nas relações de poder. Não se trata do poder, compreendido como algo distante e virtual, mas experiências de poder historicamente construídas e socialmente legitimadas pela ordem patriarcal de gênero. A partir das reflexões de Saffioti, entende-se o Patriarcado por instituição que reina de forma multifacetada nas diferentes sociedades, apresentando diferentes graus de desigualdades entre homens e mulheres.¹ A variabilidade nas modalidades e na intensidade do domínio exercido pelos homens sobre as mulheres não são fatores suficientemente significativos para se ignorar a existência de tal instituição. Todo e qualquer processo de institucionalização culmina com a despersonalização dos agentes sociais, quando as instituições se consolidam como estruturas organizadas em princípios hierárquicos, que orientam a consecução das atividades entendidas como vitais para a reprodução do sistema social.

Com efeito, tomando-se a datação de Lerner², os homens iniciaram a construção do Patriarcado no ano 3100 a.C. e só conseguiram consolidá-lo em 600 a.C., ou seja, necessitaram de dois milênios e meio para implantar sua primazia, dada a enorme resistência oferecida pelas mulheres.³ Se tomarmos a datação de Johnson, teremos de considerar que o

¹ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero e patriarcado*. São Paulo, 2000. (texto não publicado).

² LERNER, Gerda. *La creación del patriarcado*. Barcelona: Crítica, 1990.

³ Enfocando historicamente o Patriarcado, Gerda Lerner (1990) pesquisou, levantando numerosas evidências paleontológicas e arqueológicas, o como e o porquê da subordinação das mulheres. A historiadora apontou como tradicionalista e androcêntrica a concepção que considerou a história anterior ao nascimento de Cristo como um estágio prévio da História, isto é, a pré-história. Rigorosamente, a humanidade sempre fez história.

Patriarcado tem entre 6.500 e 7.000 anos.⁴ A obra destes teóricos desnaturalizou o androcentrismo. A divisão sexual do trabalho, as imagens do masculino e do feminino sempre são construídas pela sociedade já o Patriarcado, hierarquiza estas categorias sociais.

Antes da implantação do Patriarcado, as mulheres já desempenhavam papéis a elas atribuídos em virtude de pertencerem a uma categoria de gênero, à semelhança dos homens, aos quais se reservavam outras funções consoantes à concepção do masculino. Quando se verificam modificações, apontadas por alguns como significativas em nossa sociedade, elas residem na ampliação da inserção da mulher no mundo do trabalho. Reconhece-se que a mulher pode fazer mais do que se dedicar às atividades do espaço doméstico. Mulheres-álibi, como as que conquistaram postos de trabalho prestigiosos e bem remunerados são usadas, numa atitude de *backlash*⁵, como exemplos de uma ordem supostamente igualitária de gênero, mas se tratam de exceções no seio do regime historicamente implantado.

Retomando a atividade trabalho, realizado na sociedade, parte dele é passível de remuneração, e parte não o é. O trabalho feminino realizado na esfera da reprodução social distingue-se do trabalho remunerado, executado pela mulher fora do lar. A alocação da força de trabalho feminina fora do espaço doméstico varia com as transformações socioeconômicas e políticas de cada sociedade. Dentre as formas de trabalho que estão fora do mercado formal, está a comercialização do corpo, alvo de inúmeros estudos, nos últimos tempos, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, que procuram desvelar esse universo de exploração e vulnerabilidade social⁶ e, por vezes, subsidiar a regulamentação como profissão, a fim de se evitar o tráfico, a exploração sexual infantil e o risco de violência a que se submetem diariamente essas pessoas (do sexo masculino ou feminino).

A prostituta mulher é aquela que vende seu corpo, expondo a si e sua sexualidade no espaço público, quando deveria permanecer no espaço privado, acessada por um único macho, como determina a milenar ordem patriarcal refrescada pela burguesia. Elas violam, portanto, todas as regras de moral ao comercializarem seus corpos e são remetidas para fora da proteção social, que muitas vezes é, também, policial.

Assim, o trabalho prostitucional, acaba sendo produto do capital prostitucional – uma grande indústria do sexo que conta com redes de apoio externas: Estados, fundações internacionais, organismos internacionais, crime organizado transnacional, rede hierárquica interna – e é reforçada

⁴ JOHNSON, Allan G. *The Gender Knot: unraveling our patriarchal legacy*. Philadelphia: Temple University Press, 1997.

⁵ Alusão à FALLUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

⁶ Utilizamos aqui o termo vulnerabilidade, fazendo menção à Zona de Vulnerabilidade delineada nos escritos de Robert Castel em: CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis: Vozes, 1998.

pelas ideologias e valores liberais dominantes, que se tornam hegemônicos com a ascensão do regime de acumulação integral.⁷

Neste cenário de desproteção social, é possível compreender, de forma subliminar, os motivos adicionais pelos quais a morte de Eliane Ortiz que, em linguagem comercialmente mais rentável, era chamada garota de programa, não merece ser lembrada pelos moradores da cidade de Campo Grande, senão como a morte de mais uma prostituta. Contudo, não se pode tipificar o assassinato da jovem na categoria femicídio, morte de mulheres em contextos sociais e políticos específicos, que, na América Latina, pode acontecer de forma serial, ou não e com marca de violência sexual. Tal conceito foi tratado em revisão bibliográfica feita por Pasinato.⁸

A referência ao crime, nesta investigação, foi feita por meio de recortes de lembranças ouvidas dos moradores, pessoas que se recordavam do caso. As lembranças foram misturadas às informações veiculadas em fontes jornalísticas locais, permitindo a percepção do acontecimento, como citado por Pierre Nora:

O acontecimento pertence a uma categoria bem catalogada da razão histórica: acontecimento político ou social, literário ou científico, local ou nacional, seu lugar se inscreve nas rubricas dos jornais. Mas no interior de sua categoria bem marcada, o acontecimento se faz assinalar por sua importância, a novidade da mensagem, tanto menos indiscreto quanto banal.⁹

A mensagem, constatou-se por intermédio da anamnese do investigador, como um fato ao qual não se atribui tanta importância. O Caso Motel pode ter chocado a comunidade local à época do acontecido, mas como acontecimento, ele permaneceu na penumbra, como uma mera lembrança de mais um caso de impunidade dos criminosos.

Há de se fazer, agora, a apresentação da questão envolvendo a memória e a lembrança manifestadas pelos moradores do parcelamento em questão, sobre o fato aqui discorrido.

Entre lembrança e memória: a Tragédia Marcante sobre o crime

Os moradores do Parque dos Laranjais têm uma lembrança ou uma memória coletiva acerca do duplo homicídio que possui como cenário a Casa de Shows Mariza's? Para responder a esse questionamento, a coleta de dados junto aos moradores não se fez com uso

⁷ PEIXOTO, Maria Angélica e SOUZA, Maria Aparecida. Acumulação integral, tráfico e trabalho prostitucional. In: *Anais do VI Seminário Internacional Gênero e Trabalho Uberlândia: UFU/UFMG*, nov. 2014, p. 13.

⁸ PASINATO, Wânia. Femicídios e as mortes de mulheres no Brasil. *Cadernos Pagu* (37), jul./dez. 2011, p. 219-246.

⁹ NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jaques; NORA, Pierre. *Historia: Novos Problemas*. São Paulo: Francisco Alves, 1976, p. 184.

da História Oral, ainda que se tenha utilizado o recurso de entrevistas com gravação e transcrição. As informações foram obtidas a partir de entrevistas semi-estruturadas, com algumas perguntas previamente formuladas sobre as condições de moradia no parcelamento e o crime de 2005, que foram feitas pelos pesquisadores aos sujeitos da pesquisa, nas várias visitas ao local. As respostas foram gravadas e os entrevistados autorizaram a utilização das informações fornecidas aos pesquisadores. Os moradores do bairro, aleatoriamente escolhidos, estavam no estabelecimento comercial chamado Bar da Ana¹⁰ nos dias e horários em que se encontravam no mesmo local os investigadores. Pedindo que falassem somente o que lembravam sobre o chamado “Caso Motel”, mesmo perdendo detalhes, percebia-se que havia um registro na memória coletiva a respeito do fato. No transcurso das falas, as lembranças dos moradores tomavam forma e os detalhes, mesmo os mais remotos, apareciam conferindo maior intensidade à lembrança sobre o crime ocorrido.

Maurice Halbwachs escreveu sobre a Memória coletiva de modo a caracterizá-la como aquela que, geralmente, é interligada a um evento de suma importância vivenciado por um grupo de indivíduos que registram um fato importante na memória.¹¹ Ele enfatiza que, apesar desta existir, são raros os acontecimentos verdadeiramente passíveis de memória condizentes com a realidade, pois o que se rememora são apenas resquícios de imagens e sentimentos que formam uma lembrança.

A proprietária do bar explicou que se lembra do caso e sabe muito bem que a boate Enigma se instalou no bairro, por ser um lugar de difícil acesso e moradia de pessoas humildes. No entanto, a mesma afirmou que a boate é o menor problema do local. Duas outras moradoras, que também estavam no bar durante a conversa, salientaram que a boate não interfere na convivência ou no bem estar dos moradores da região.

Acontece que todas estas respostas fazem parte de um conjunto de interações memorativas que retratam o fato e auxiliam na compreensão das reais necessidades dessa comunidade, pois, quando se chegou ao parcelamento em questão, as expectativas eram outras. É importante reforçar que:

Assim, para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias. Elas não seriam, todavia, suficientes. Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever exatamente os fatos ou os objetos, e

¹⁰ O Bar da Ana é um pequeno comércio de alimentos e bebidas, que fica no bairro. O lugar leva o nome da proprietária Ana, antiga moradora que reside no local, há aproximadamente quinze anos.

¹¹ HALBAWCHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

reconstituir toda a seqüência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas.¹²

Neste caso, os moradores do Parque dos Laranjais convivem com o material e o imaterial do fato, pois eles são a “sombra” do prédio da casa de show Enigma e, apesar de saberem sobre as possibilidades que a relação prostituição/violência pode gerar, a exemplo do crime do Caso Motel e da Boate Mariza’s, cada um tem um ponto de vista diferente sobre o caso. É bem provável que todos tenham a lembrança de como foram aqueles dias de alvoroço por conta do ocorrido, tornando o caso marcante a ponto de facilitar a memória.

Tratando deste tema, Bosi escreveu sobre a memória como a subjetividade epistemológica dos fenômenos dados, estando estes entrelaçados com o estado de espírito momentâneo do indivíduo.¹³ A condição de quem vivencia todo esse processo se iguala a um sentimento de revolta e indignação, que está associado à curiosidade que o tema suscita.

A magnitude do fato gerou um alvoroço na população campo-grandense. Mesmo assim, não é possível perceber se o fato ocorrido promoveu na população algo interligado à memória-hábito ou à lembrança, visto que:

[...] A memória contrai numa intuição única do passado-presente em momentos de duração. No processo de socialização tem lugar a memória-hábito, repetição do mesmo esforço, adestramento cultural. No outro polo, a *lembrança pura* traz à tona da consciência um momento único, singular, irreversível, da vida [...].¹⁴

A memória-hábito tornou-se algo incutido na mente dos demais cidadãos que acompanharam o caso pelo noticiário, nas entrevistas, nos jornais e nos comentários que circulavam no cotidiano do trabalho, ou nas casas dos habitantes. Lembrança pura, termo cunhado por Bosi¹⁵, serve para identificar como único e traumático este momento para os familiares, amigos e para as pessoas próximas das vítimas, porque, neste caso, há o fator denominado “Tragédia Marcante” fixado à memória da população campo-grandense, dificultando a desvinculação entre memória e fato ocorrido.

Assim, separa-se o grau de importância para dois conceitos/termos: o primeiro é a memória coletiva, dada como tudo aquilo que se agrupa ao sentimento vivenciado pelos moradores, que possuem como ponto de referência a Boate Enigma e a trajetória da fatalidade do Caso Motel e da Boate Mariza’s que, para as pessoas em geral, autodenominam-se Casas de Shows; o segundo é a lembrança pura, dada não como um fato cotidiano aos moradores em

¹² HALBAWCHS, op. cit., 1990, p. 27.

¹³ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

¹⁴ BOSI, op. cit., 2003, p. 52.

¹⁵ BOSI, op. cit., 2003.

questão, mas como característica de quem, factualmente, envolveu-se no caso como os parentes próximos das vítimas.

O parcelamento e a boate: o local, o significado e a identificação

A relação criada entre os moradores do Parque dos Laranjais e a Enigma Casa de Shows ultrapassa, em muito, a mera inserção do estabelecimento comercial no parcelamento. Para melhor compreensão dessa relação, é necessário entender como Campo Grande ocupou e distribuiu seus espaços urbanos nos últimos vinte anos, deixando em considerável abandono parcelamentos que se encontram distantes da região central, ou daqueles que, além do agravante citado, estão em áreas de baixo interesse econômico e de desenvolvimento urbano.

A cidade de Campo Grande é segmentada em 7 (sete) regiões urbanas e 74 (setenta e quatro) bairros que são integrados, segundo a Lei Complementar nº 74, de 06 de setembro de 2005¹⁶ pelos chamados Parcelamentos¹⁷ que, dos mais multímodos nomes, compõem-se de Núcleos Habitacionais, casas construídas por Conjuntos Habitacionais-COHABs, Jardins e Vilas, entre outros. Inserido na região do Segredo, Bairro José Abrão, o parcelamento Parque dos Laranjais é um loteamento controverso, aprovado em 20 de abril de 1979. Primeiro como condomínio fechado; depois, como ocupação irregular, o parcelamento passou por um período de regularização, que se estende até os dias atuais. Exemplificando isso, o morador 1 afirmou:

“Comprei meu terreno aqui, faz muito tempo. Na época, falaram pra gente que seria um condomínio fechado, com guarita e tudo mais. Só que aconteceu alguma coisa, e isso não aconteceu. Aí, começou a chegar gente, ocupando os terrenos, e dando o número que queria pra suas casas. Por isso, que você pode ver que os números são tudo uma bagunça só”.

O bairro, composto pelo parcelamento citado, somado ao Núcleo Habitacional José Abrão (NHJA) e outros cinco, possui uma população de aproximadamente 4700 pessoas, segundo o censo de 2010, com predominância de população de classe considerada de média renda, com rendimentos per capita de R\$ 727,02 mensais, em média.

As pessoas que lá residem se compõem, basicamente, por domésticas e profissionais liberais, além de uma parcela significativa de estudantes. Em relação à infraestrutura e organismos governamentais, o Parque dos Laranjais não possui CEINF (Centro de Educação Infantil), não há Unidades Básicas de Saúde Familiar, rede física de assistência social,

¹⁶ CAMPO GRANDE. Lei de uso do solo: Lei complementar nº 74, de 06 de setembro de 2005. Disponível em: <<http://www.secovi-ms.com.br/legislacao/LEI%20USO%20SOLOde%206%20Set%202005.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2014.

¹⁷ Segundo o inciso XLVIII, do artigo 4º da Lei Complementar nº 74, de 06 de setembro de 2005, parcelamento é: “qualquer divisão do solo, com ou sem abertura de vias de circulação, que resulte em novas unidades imobiliárias”.

delegacias da Polícia Civil ou Militar, espaços esportivos, academias da terceira idade, ou quaisquer áreas de lazer, incluindo praças, encontrando-se a maioria destes equipamentos na região do parcelamento do NHJA.

Nas entrevistas, com moradores do bairro, percebeu-se que os mesmos trazem consigo uma carga muito forte de insatisfação para com essa situação, seja o descaso nas estruturas básicas no parcelamento, seja a impossibilidade imposta ao usufruto dessas mesmas estruturas em outros parcelamentos circunvizinhos. Uma reclamação recorrente é a falta de iluminação pública em muitas de suas ruas, a insegurança gerada pelos usuários de entorpecentes e pessoas vinculadas ao tráfico, além de ladrões, estupradores e demais violências possíveis. Relatou o Morador 5: “Nós temos muitos problemas por aqui: falta asfalto, falta iluminação [...] falta polícia. Sempre tem gente estranha andando na rua, drogados e ladrões. De um certo horário pra frente, a gente evita sair de casa. É só escurecer”.

Neste universo de carências, a presença ou não do Enigma Casa de Shows (boate cuja atividade principal é a prostituição), para os moradores do bairro, é indiferente em muitos aspectos, e positiva em outros. Invariável, por não representar estorvo à população, que não reclama de sons demasiadamente ruidosos, de desordem, de prevaricação pública e/ou insinuada e de desvalorização do local proporcionada pela Casa. “Nunca escutei nada, nem vi nada também. O pessoal de lá é bem discreto. Diferente dos antigos donos, que faziam bagunça, tinha som alto, e incomodava bastante” (Morador 3). Positiva, pelo fato desta alimentar parte da renda local, pois alguns estabelecimentos fornecem alimentos, bebidas e outros materiais à casa¹⁸, quando o mesmo afirma que “Eu vendo espetinho, pastel e bebidas pras meninas de lá. Às vezes, elas fazem pedidos, e a gente leva lá, depois. [...] Dá pra vender até que bem, pra elas”. (Morador 3)

O que se observou foi uma apropriação que o estabelecimento conseguiu promover na população em questão. A Casa de Shows se tornou um fator de identidade e referencial aos moradores¹⁹, fato comprovado pelos próprios habitantes do parcelamento, quando, em uma das visitas ao local, disseram que se utilizam do nome do estabelecimento como referência de moradia para o restante da cidade. Por exemplo, quando necessitam abrir alguma conta bancária ou crediário em alguma loja do comércio, os mesmos fornecem como ponto de referência o citado recinto, pois o mesmo é muito mais conhecido que o arruamento da urbanização. Contou o Morador 6 : “Quando vou no centro e tenho que abrir crediário, nunca

¹⁸ Referente à: YÁZIGI, Eduardo *Saudades do futuro*. Por uma teoria do planejamento territorial do turismo. São Paulo: Pleiade, 2009.

¹⁹ BOSI, op. cit., 2003.

conhecem quando falo que moro no Laranjais, mas se falo que é perto da Enigma, ou que é o bairro da Enigma, todo mundo, principalmente os homens, sabem onde fica”. O fator identidade não vem como sendo as pessoas se focando ontologicamente na função da Casa de Shows e se apropriando disso para si mesmas, mas por terem adotado a si próprias como moradoras do bairro da Enigma.

Outra questão se abre com isso: se os moradores do bairro incorporaram como fator de identidade a Casa de Shows, qual imagem assumiria o local no caso de um crime semelhante ao do Caso Motel ter a Enigma como cenário? A resposta a este questionamento certamente suscitaria outra investigação, não mais sobre memória, mas sobre representações sociais.

A última reflexão é sobre o fator que levou à instalação da Casa de Show no parcelamento em questão. A mesma deixou o seu antigo endereço (uma rua movimentada da cidade, 14 de Julho, quase esquina com a Av. Mascarenhas de Moraes), para se implantar numa localidade desprovida, distante e, talvez, muito mais do que isso, abandonada pelo poder público, como explicitado na fala do Morador 5: “É como eu disse: a boate não traz problema nenhum pra gente. O que traz mesmo é a falta de quase tudo aqui”.

Hipótese para fixação do comércio sexual no local é a aplicação das chamadas políticas de higienização aplicadas em Campo Grande, desde a década de 1970. Durante esse período, houve uma crescente chegada de pessoas em situação de pobreza, com esperança de melhores condições, migrantes provenientes do êxodo rural e da efervescência política desencadeada pela divisão do Estado de Mato Grosso, que viam a possibilidade de Campo Grande se tornar a capital do Estado nascente. Moro exemplifica que tal situação não foi bem aceita pelas elites locais e, sobre isso, escreveu:

[...] a elite concebia o espaço público como um local extremamente distinto do espaço privado, pensando-o como um local de práticas da família, do indivíduo, da intimidade, do particular, ou seja, pensava a organização dos espaços público e privado por meio de uma “cerrada rede de auto restrições”. [...] Entretanto, o “povo comum” não participava de uma “cerrada rede de auto restrições” de que a elite cidadina de Campo Grande tanto fazia gosto de praticar.²⁰

Mesmo as tentativas de retirada dos espaços urbanos de pessoas em situação de vulnerabilidade nunca foram completamente efetivadas. No imaginário dos governantes municipais, sempre houve o desejo de tornar os espaços das regiões centrais da cidade livres de estabelecimentos que promovessem práticas que denegrissem a imagem da “Cidade

²⁰ MORO, Nataniél Dal. Representações da elite sobre o “Povo Comum” na cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70). *Fronteiras*, v. 11, n. 20. Dourados – MS, UFGD, jul./dez. 2009, p. 143.

Morena”, inferiorizando-a em relação à cidade de Cuiabá, por exemplo, que foi tida como inimiga política de Campo Grande desde a época da Revolução Farroupilha, fator que foi agravado à época da chegada da Ferrovia Noroeste do Brasil, como afirma Ribeiro.²¹

A pergunta que surge, por fim, é: será que a Casa de Shows Enigma, sabendo das dificuldades desta população, de suas privações e falta de equipamentos públicos, não se implantou lá, justamente por serem as preocupações dos moradores outras, que não se importariam com ela, já que suas necessidades ultrapassam a preocupação de abrigá-la na circunvizinhança?

Na perspectiva dos moradores do parcelamento, as modificações na urbanização da cidade se materializariam como tal no acesso a creches, escolas, ruas asfaltadas, esgoto e unidades básicas de saúde. A ausência do básico os mantém invisíveis aos olhos da cidade.

Se a Enigma está no Parque dos Laranjais, motivada por uma política de higienização ou pela invisibilidade dada pela localização do Parcelamento, não se pode afirmar com certidão; contudo, uma certeza chega à percepção dos investigadores, é o fato de que contribui à fidelização dos clientes a impossibilidade de serem reconhecidos ao circularem em área inóspita.

Considerações finais

O problema levantado leva a cabo uma reflexão inconclusa sobre fatores diversos que marcam a relação estabelecida entre a casa de shows Enigma e o parcelamento em que está inserido. A memória sobre o duplo homicídio ocorrido em 2005 não ocupa posição destacada na mente dos sujeitos da investigação, visto estarem mais preocupados com as situações futuras do que com as do passado, por mais trágico que possa ter sido o crime que envolveu um estabelecimento análogo ao que existe no bairro em que habitam. Percebeu-se que a inquietude sentida diz respeito ao presente, às situações encontradas no cotidiano e ao futuro que se desenha.

Houve, por assim dizer, um verdadeiro apagar das memórias de longo prazo, talvez por não terem sofrido com nada que diga respeito aos fatos mencionados. Há, sim, a preocupação com as estruturas inexistentes na região, que no entendimento da população, são mais urgentes e primordiais do que estar ou não próximo de uma boate.

Os prostíbulos, Casas de Shows, carregam em seus históricos marcas inconclusas das conjunturas obscuras que os cercam. A nebulosidade que os permeiam foram esquecidas,

²¹ RIBEIRO, Onofre. *Ainda dos 2 Mato Grossos*. Disponível em: <www.mt.gov.br/imprime.php?sid=151&cid=63890>. Acesso em: 18 jan. 2015.

deixadas à parte, na complexa relação existente entre os fatos e os indivíduos, de modo a promoverem a descaracterização daqueles por parte destes, esvaindo-se de significado. Não há remissão das culpas, mas prescrição dos pecados. Assim, neste intento, ao apontar tais situações, buscou-se desvelar uma memória adormecida que, possivelmente, manter-se-á da forma como está, por ser a população em questão, detentora de um presente de carências muito mais trágico do que a situação da morte de um jovem e uma prostituta.

Referências

Bibliografia

- BEGLEY, Louis. *O Caso Dreyfus: Ilha do Diabo, Guantánamo e o pesadelo da história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FALLUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- HALBAWCHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- JOHNSON, Allan, G. *The Gender Knot: unraveling our patriarchal legacy*. Philadelphia: Temple University Press, 1997.
- LERNER, Gerda. *La creación del patriarcado*. Barcelona: Crítica, 1990.
- MORO, Nataniél Dal. Representações da elite sobre o “Povo Comum” na cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70). *Fronteiras*, v. 11, n. 20, Dourados – MS, UFGD, jul./dez. 2009, p. 123-149.
- NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jaques; NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*. São Paulo: Francisco Alves, 1976.
- PASINATO, Wânia. Femicídios e as mortes de mulheres no Brasil. *Cadernos Pagu* (37), jul./dez. 2011, p. 219-246.
- PEIXOTO, Maria Angélica e SOUZA, Maria Aparecida. Acumulação integral, tráfico e trabalho prostitucional. In: *Anais do VI Seminário Internacional Gênero e Trabalho Uberlândia: UFU/UFG*, nov. 2014.
- RIBEIRO, Onofre. *Ainda dos 2 Mato Grossos*. Disponível em: <www.mt.gov.br/imprime.php?sid=151&cid=63890>. Acesso em: 18 jan. 2015.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero e patriarcado*. São Paulo, 2000. (texto não publicado).
- Cordis*. Mulheres na história, v. 2, São Paulo, n. 13, p. 129-141, jul./dez. 2014. ISSN 2176-4174.

YÁZIGI, Eduardo. *Saudades do futuro*. Por uma teoria do planejamento territorial do turismo. São Paulo: Pleiade, 2009.

Fontes

CAMPO GRANDE (cidade). Lei de uso do solo: Lei complementar nº 74, de 06 de setembro de 2005. Disponível em: <[http://www.secovi-ms.com.br/legislacao/LEI%20USO%20SOLO de%206%20Set%202005.pdf](http://www.secovi-ms.com.br/legislacao/LEI%20USO%20SOLO%20de%206%20Set%202005.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2014.

Recebido em 23 de outubro de 2014; aprovado em 27 de fevereiro de 2015.